

DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS/ADICIONAIS:

Insegurança linguística, identidades e plurilinguismo



Revista dos Cursos de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras – Unifap

Aldenice de Andrade Couto  
nicecouto@unifap.br
 Universidade Federal do Amapá

Priscille Ahtoy 
priscille.ahtoy@univ-tours.fr
 Université de Tours

COMO CITAR

DE ANDRADE COUTO, Aldenice; AHTOY, Priscille. DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS/ADICIONAIS: Insegurança linguística, identidades e plurilinguismo. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 1-4, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/1784>.

Este dossiê visa proporcionar discussões e reflexões acerca das complexas interações entre a formação docente, a insegurança linguística e a (re)construção de identidades em contextos sociopolíticos desafiadores (Ahtoy, 2021). Ao abordar a formação de professores de línguas estrangeiras/adicionais, o dossiê busca analisar como as incertezas e tensões linguísticas influenciam as práticas pedagógicas e a identidade profissional desses educadores. Além disso, pretende-se destacar a importância de uma formação que não apenas capacite os professores na seara das línguas, mas que também os prepare para lidar com as questões identitárias e culturais que emergem em ambientes de insegurança. Assim, o dossiê visa contribuir para o desenvolvimento de políticas e práticas educacionais mais inclusivas e sensíveis às realidades sociolinguísticas, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel dos professores na (re)construção de identidades em um mundo cada vez mais interconectado e multifacetado (Moita Lopes, 2003).

A Linguística Aplicada (LA) e a Sociolinguística estabelecem um diálogo produtivo ao investigar como a linguagem funciona em contextos sociais e suas implicações práticas. Enquanto a LA entende a linguagem como uma prática social e performativa, inseparável das relações de poder, raça, gênero, sexualidade e classe e se concentra na utilização do conhecimento linguístico para do mundo real, como ensino de línguas, tradução e comunicação, a Sociolinguística analisa as variações linguísticas em função de fatores sociais, como classe, gênero e etnia. Esse intercâmbio é fundamental para entender como as práticas sociais moldam o uso da linguagem e, por sua vez, como a linguagem pode influenciar identidades e relações de poder. Por exemplo, ao desenvolver currículos de ensino de línguas que considerem as variações socioculturais, os educadores podem promover uma aprendizagem mais significativa e inclusiva. Assim, essa interação entre as duas áreas não só enriquece a compreensão teórica da linguagem, mas também orienta práticas pedagógicas que respeitam e valorizam a diversidade linguística e cultural presente nas salas de aula. É nesse sentido, que propusemos o dossiê temático **n. 15 da Letras Escreve- Formação de professores de línguas estrangeiras/adicionais, insegurança linguística e (re)construção de identidades: desafios e perspectivas.**

<https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/index>

Nesse sentido, os manuscritos que compõem este dossiê contemplam a defesa de abordagens decoloniais, plurilíngues e interculturais que valorizam a diversidade e as identidades dos estudantes bem como a promoção da educação linguística como uma prática emancipatória, socialmente engajada e voltada para a transformação social.

O artigo *Masculinidade Tóxica e Educação Crítica: desconstruindo normas de gênero no ensino de língua inglesa*, de Dayanny Marins Coelho e Samara Leandro de Oliveira, investiga como o ensino de língua inglesa pautado pelo letramento crítico pode desestabilizar discursos e normas associados à masculinidade tóxica. Por meio de um estudo de caso qualitativo com discentes do 6º período de Letras de uma universidade pública em Goiás, as autoras analisaram debates, gravações e relatos pessoais disparados pela leitura de um texto da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). Elas propõem o ensino de língua estrangeira como uma prática político-pedagógica decolonial e emancipatória, ultrapassando o mero aprendizado gramatical para funcionar como espaço de reflexão crítica, engajamento social e combate às violências de gênero.

Olaci da Costa Carvalho, em *Ahmadou Kourouma: quando a insegurança linguística é resistência*, analisa como o escritor marfinense Ahmadou Kourouma se apropria da língua francesa e a reinventa sob a perspectiva pós-colonial. Com foco principal no romance *Allah n'est pas obligé*, o estudo busca evidenciar de que modo o autor transforma a suposta insegurança linguística em um instrumento político de resistência. O autor propõe que a “malinkização” ou “africanização” do francês feita por Kourouma não decorre do desconhecimento da norma culta, mas de uma transgressão deliberada e consciente das estruturas metropolitanas. Essa subversão permite moldar o idioma para expressar o imaginário, a oralidade e a visão de mundo dos povos subsaarianos. Ademais, o manuscrito defende que essa linguagem mestiça atua como um agente glotopolítico que dá voz aos marginalizados e denuncia atrocidades sociais. Por fim, Carvalho evidencia que Kourouma desconstruiu a hegemonia colonizadora, promovendo a decolonização da língua e a afirmação identitária africana.

Alcir do Santos Braga e Valcir dos Santos Braga, em *Desafios na formação de professores de línguas estrangeiras: entre o ideal normativo e as realidades plurais das salas de aula* analisam o distanciamento entre a formação inicial de professores de línguas estrangeiras e as demandas reais das salas de aula contemporâneas. Os autores apontam que a idealização do falante nativo e de normas rígidas gera insegurança linguística e limita a atuação docente. Diante disso, o manuscrito propõe reformular os currículos universitários para valorizar a diversidade linguística e cultural. Para superar esse cenário, os autores defendem a adoção de abordagens antirracistas, decoloniais, plurilíngues e interculturais no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Os autores também destacam a urgência de capacitar os professores para tecnologias digitais e turmas multisseriadas, bem como sugestionam uma articulação contínua entre políticas públicas, universidades e escolas para garantir uma formação mais justa e inclusiva.

No artigo *Português para migrantes: formação, ensino e escuta*, Izabely da Cruz, Gisele Maciel e Marta Ferreira Pinto discutem as experiências pedagógicas e os desafios da formação docente vivenciados na 2ª edição do *Curso de Português para Migrantes*, promovido em 2024 pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) por meio do projeto de extensão PROMIGRA. As autoras propõem uma reflexão crítica sobre o ensino do Português como Língua de Acolhimento (PLAc), defendendo uma abordagem pautada na interculturalidade, na pedagogia freiriana e na escuta ativa. Elas postulam que o aprendizado do idioma deve ir além das normas gramaticais, priorizando a comunicação funcional do cotidiano, a valorização das identidades e bagagens culturais dos estudantes, e a construção de um ambiente seguro e humanizado. Além disso, destacam a importância de lidar com a heterogeneidade das turmas e as barreiras linguísticas por meio de metodologias flexíveis e engajadoras (como dramatizações e rodas de conversa). As autoras sustentam que

a formação docente em PLAc deve ser contínua e politicamente engajada, reconhecendo a educação linguística como uma ferramenta vital de transformação social, autonomia e inserção cidadã de migrantes e refugiados no Brasil.

Em *Identidades e crenças na formação inicial de professores de línguas estrangeiras da Universidade do Estado do Amapá: do ingressante imaginário ao egresso real*, Juliana Leão Cardoso e Aldenice de Andrade Couto investigam como as identidades e crenças de professores de línguas estrangeiras em formação inicial na Universidade do Estado do Amapá (UEAP) são (re)construídas ao longo do curso e como elas contribuem para a prática reflexiva. Sendo assim, por meio de questionários com ingressantes e egressos, a pesquisa revela que os iniciantes percebem o incentivo à reflexão com otimismo, embora alguns associem crenças ao senso comum ou à religião. Em contrapartida, os egressos demonstram uma visão mais madura e contextualizada sobre a diversidade, mas relatam perda do estímulo crítico ao final do curso.

No artigo intitulado *L'enseignement et l'apprentissage du français à l'Île Maurice: entre défis didactiques, insécurité linguistique et formation des enseignants en contexte plurilingue*, Priscille Ahtoy examina os desafios do ensino de francês na Ilha Maurício, em um contexto plurilíngue onde o crioulo mauriciano, o inglês e o francês coexistem sob forte hierarquização social. A autora analisa como a supervalorização do francês e a distância dos manuais em relação à realidade local geram insegurança linguística tanto em alunos quanto em professores, inibindo a expressão oral e a aprendizagem. Para superar esse cenário, a pesquisadora propõe uma abordagem pedagógica inclusiva e contextualizada que reconheça o crioulo e as demais línguas dos estudantes como recursos didáticos legítimos. Além disso, ela defende a reformulação do material didático e da formação docente para desconstruir normas estigmatizantes e valorizar o plurilinguismo.

Alice Suzart Landim Costa e Cíntia Voos Kaspary, em *Políticas linguísticas para o ensino de língua francesa na Bahia: marcos legais e caminhos para a formação docente*, analisam a trajetória histórica e o panorama contemporâneo das políticas linguísticas para o ensino de língua francesa na Bahia, focando nas perspectivas de formação docente. As autoras evidenciam como marcos legais, a LDB e a reformulação do Ensino Médio/BNCC, provocaram a perda de espaço do francês na educação básica, estabelecendo a hegemonia da língua inglesa. Em contrapartida, as autoras evidenciam que o ensino superior público baiano surge como o principal reduto de demanda pelo idioma, impulsionado por ações de extensão e programas de internacionalização como o Idiomas sem Fronteiras (IsF). Contudo, elas mostram que os resultados indicam um espaço significativamente reduzido para a formação e empregabilidade de novos professores na rede regular e sinalizam que as iniciativas universitárias vigentes mitigam parcialmente essa carência, mas não representam uma solução estrutural e sustentável a longo prazo.

No manuscrito intitulado *A leitura subjetiva como ferramenta de incentivo à leitura das literaturas em língua francesa*, de Érika Azevedo e Annick Marie Belrose, as autoras analisam a relação entre as abordagens cognitiva e afetiva no ensino literário em língua estrangeira. A partir da ação extensionista “Clube de leitura e estudo de obras em língua francesa”, realizada na Universidade Federal do Amapá, em 2023 com graduandos de Letras, o estudo examina o impacto do engajamento pessoal dos estudantes frente a obras francófonas da África, Caribe e Guiana Francesa. As pesquisadoras propõem o uso da leitura subjetiva como um recurso didático fundamental para conectar as vivências do leitor com a interpretação de textos literários; sustentam que acolher as reações e emoções singulares dos leitores facilita a superação de barreiras linguísticas e estimula o hábito da leitura e amplia o repertório intercultural dos estudantes. O manuscrito evidencia que a abordagem subjetiva é compatível com o ensino universitário, unindo sensibilidade e reflexão crítica de forma complementar.

Além dos oito manuscritos apresentados, o dossiê conta com a entrevista concedida por Christian Ollivier à revista *Letras Escreve*, na qual o professor e pesquisador aborda a didática das línguas, com foco no plurilinguismo e na redução da insegurança linguística dos estudantes. Atuando na Universidade de *La Réunion*, ele destaca a importância de valorizar as competências plurilíngues dos alunos, como a convivência entre o francês e o crioulo reunionense, reconhecendo essas práticas sociolinguísticas como legítimas. Ollivier defende que a tecnologia e as Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação (TICE) servem como ferramentas pedagógicas auxiliares quando alinhadas a uma abordagem inclusiva. Ele propõe o uso de “tarefas ancoradas na vida real”, nas quais os estudantes participam ativamente de plataformas colaborativas online (como fóruns e wikis) em língua estrangeira, assumindo o papel de usuários legítimos do idioma e da tecnologia. Além disso, o pesquisador enfatiza a necessidade do uso crítico das ferramentas digitais, incluindo a inteligência artificial, para suprir lacunas linguísticas. Por fim, ressalta que a formação de professores deve priorizar a conscientização sobre as riquezas do plurilinguismo para, assim, promover uma pedagogia acolhedora que reduza o receio do erro e fortaleça a confiança dos aprendizes.

Os artigos e a entrevista reunidos neste dossiê reafirmam a urgência de repensar a formação docente à luz de abordagens decoloniais, plurilíngues, críticas e interculturais. Ao confrontarem dogmas normativos, assimetrias glotopolíticas, violências de gênero e barreiras metodológicas em múltiplos contextos sociolinguísticos, os trabalhos demonstram que superar a insegurança linguística exige reconhecer as identidades e as bagagens culturais dos sujeitos como recursos legítimos. Assim, este número da *Letras Escreve* convida a comunidade acadêmica a transformar o ensino de línguas em uma prática emancipatória, sensível e politicamente engajada na (re)construção de identidades do mundo contemporâneo.

Mergulhar neste dossiê é convidar-se a refletir sobre as complexidades, as dores e as transformações que atravessam a trajetória de quem ensina e aprende línguas. Ao longo de suas páginas, os autores investigam como a insegurança linguística impacta a prática pedagógica e molda as subjetividades dos docentes, oferecendo caminhos para superar bloqueios e ressignificar o papel da língua na sala de aula. Nesse sentido, convidamos você a explorar estas reflexões enriquecedoras e a descobrir novos caminhos e perspectivas para a (re)construção das identidades no ensino de línguas adicionais.

Boa leitura!

Referências

AHTOY, P. *L'insécurité linguistique en français en milieu plurilingue (île maurice): mobilité sociale et conflits de légitimités*. Ecole doctorale : humanités & langues – h&l équipe de recherche ea 4428 dynadiv.Université de Tours, 2021. Disponível em: <https://theses.fr/2021TOUR2023>: Acesso em: 23 abr. 2023.

MOITA LOPES, L. P. Socioconstrucionismo: discurso e identidade social. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003. p. 13-38.